

## O SEGUNDO SUSPIRO



PHILIPPE POZZO DI BORGO

# O segundo suspiro

A história real que inspirou o filme *Intocáveis*

TRADUÇÃO DE MAURO PINHEIRO



Copyright © Philippe Pozzo di Borgo 2011

TÍTULO ORIGINAL

Le second souffle *suivi du* Diable gardien

PREPARAÇÃO

Julia Sobral Campos

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Débora de Castro Barros

Clara Diament

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P899s

Pozzo di Borgo, Philippe, 1951-

O segundo suspiro / Philippe Pozzo di Borgo; tradução de Mauro Pinheiro. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

Tradução de: Le second souffle *suivi du* Diable gardien

ISBN 978-85-8057-200-1

1. Pozzo di Borgo, Philippe, 1951 – Saúde. 2. Quadriplégicos  
– França – Biografia. I. Título.

12-3351.

CDD: 920.9616842

CDU: 929:616.8-009.12-031

[2012]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Aos meus filhos,  
“para que a obra continue”.*



# SUMÁRIO

*Prefácio à nova edição francesa* 11

## LIVRO I

---

### *O segundo suspiro*

LEMBRANÇAS RESGATADAS 17

MEUS SENTIDOS 21

O CU DO ANJO 27

PRIMEIRA PARTE – *Infância dourada*

EU NASCI COM O... 31

...VIRADO PARA A LUA 37

A MÃE DOS “MIL SORRISOS” 45

SEGUNDA PARTE – *Béatrice*

RENASCIMENTO 51

KISS MACHINE 55

BÉATRICE 61

QUERUBIM! 67

OPERAÇÃO CORAÇÃO 69

LA PITANCE 75

TERCEIRA PARTE – *O salto do anjo*

AS ASAS QUEBRADAS 79

VOOS DESVAIRADOS 85

KERPAPÉ 97

ABDEL, MEU SÓCIO 103

QUARTA PARTE – *O segundo suspiro*

TESTEMUNHAS 111

CIPRESTE DE BÉATRICE 119

ALMA CORSA 129

LES SANGUINAIRES 137

SABRYA 143

MESA-REDONDA 147

HORIZONTE 155

CANTOS DE SORTE 159



## LIVRO II

---

### *O diabo guardião*

PATER NOSTER	165
O BAD BOY	169
AS CAPUCHINHAS DE RIVIÈRE-DU-LOUP	177
A PEQUENA MENINA ESPERANÇA	183
AS CONSOLADORAS	187
FRENTES DE ACULTURAÇÃO	191
TUDO VAI MAL!	195
UM MUNDO EM TRABALHO DE PARTO	201
TROCA DE PAPÉIS	205
O PADRINHO GENEROSO	209
O BASEADO CONVERSADOR	213
CALORES MARROQUINOS	217
LA VILLE EN ROSES	223
LALLA KHADIJA	227
A ODISSEIA	229



## PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO FRANCESA

Certo dia em janeiro de 2010, fui procurado por Olivier Nakache e Éric Toledano, diretores do filme *Intocáveis*.<sup>\*</sup> Alguns anos antes, eles tinham visto o documentário *À la vie, à la mort* (2002), dirigido por Jean-Pierre Devillers e produzido por Mireille Dumas. O filme, de uma hora, retratava o improvável encontro entre o rico tetraplégico privilegiado que sou e o jovem de origem árabe da periferia de Paris, Abdel. Contrariando todas as expectativas, esses dois homens se ajudariam mutuamente durante anos. A história despertou o interesse dos cineastas.

Minha esposa Khadija e eu os recebemos em nossa residência, em Essaouira, no Marrocos, com os atores escalados para os papéis: Omar Sy e François Cluzet.

---

<sup>\*</sup> *Intocáveis* (2011), filme dirigido por Éric Toledano e Olivier Nakache, com François Cluzet e Omar Sy, é inspirado em minha história com Abdel.

Nós nos encontramos várias vezes, e acompanhei com prazer a elaboração do roteiro.

O primeiro livro que escrevi, *O segundo suspiro*, hoje esgotado, tinha alcançado algum sucesso em seu lançamento. Frédéric Boyer, diretor editorial das Éditions Bayard, me propôs então reeditá-lo na ocasião do lançamento do filme *Intocáveis*, atualizado com um novo prefácio e complementado com um texto inédito.

*O diabo guardião* é, portanto, uma continuação de *O segundo suspiro* (que termina em 1998), conduzindo a narrativa até meu encontro com Khadija no Marrocos, em 2004; esse período corresponde ao roteiro do filme *Intocáveis*. As limitações do longa-metragem e a imaginação dos diretores os levaram a simplificar, modificar, moldar e criar inúmeros episódios.

Somos ambos “intocáveis” em diversos aspectos. Abdel, de ascendência do Norte da África, sentiu-se marginalizado na França — tal como a classe dos intocáveis na Índia. Não se pode “tocar” nele sem o risco de levar um soco, e ele corre tão rápido que os tiras — repetindo sua palavra — conseguiram pegá-lo apenas uma vez em sua longa carreira de delinquente.

Quanto a mim, atrás dos altos muros que cercam minha mansão em Paris — minha gaiola dourada, como diz Abdel —, abrigado da necessidade graças à minha fortuna, faço parte dos “extraterrestres”; nada pode me atingir. Minha paralisia total e a ausência de sensibilidade me impedem de tocar o que quer que seja; as pessoas evitam até roçar a minha pele, tamanho o medo que lhes causa minha condição física, e ninguém pode me tocar o ombro sem desencadear dores lancinantes.

“Intocáveis”, portanto.

E agora deparo com um desafio absurdo: voltar a esse passado.

Uma evidência se impõe: eu não me lembro! De início, atribuí isso à ausência de Abdel, meu auxiliar de vida. Refletindo bem, é mais grave. Com a exceção de alguns episódios mal situados no tempo, minha memória se recusa ao exercício. A lembrança é o luxo dos abastados em boa saúde. Para um pobre miserável ou uma pessoa enferma, a memória se imobiliza no presente, pela dificuldade de garantir seu alimento ou sua sobrevivência. *A madeleine* de Proust só poderia ser uma fixação de um dândi da alta sociedade.

De 1998 a 2001, enquanto escrevia *O segundo suspiro*, atormentado pelo sofrimento da morte recente de Béatrice e pelas dores neurológicas,\* já começava a exprimir dificuldades para conectar os instantes do meu passado. O sofrimento aniquila a memória. Os saudáveis envelhecem acumulando histórias e arrependimentos; estou livre de qualquer lembrança.

Uma autobiografia já é necessariamente recheada de esquecimentos e mentiras, deliberados ou por omissão; contar a história de outra pessoa — no caso, de Abdel — pode dar não mais do que “uma impressão do outro”, um pontilhado com várias lacunas.

Como querem vocês que um aristocrata bem-educado como eu, respeitador de determinados princípios, possa se exprimir no lugar de alguém como Abdel, na época um revoltado, hostil a todo tipo de norma? Posso apenas relatar os acontecimentos, tentar analisá-los. Uma parte da sua verdade me escapa; Omar

---

\* Dores neurológicas: cerca de um terço dos tetraplégicos sofre de desequilíbrios neurológicos que se traduzem por queimações fantasmas, mais ou menos fortes de acordo com cada indivíduo, sua condição física e os fatores climáticos. Eu tirei a sorte grande: faz quase vinte anos que oscilo ininterruptamente na escala de dor entre 6 e 9,5/10. Ao chegar a 10, já não fazemos parte deste mundo!

Sy — que o interpreta no cinema — se aproxima dele com muito mais graça e facilidade do que eu.

Eu queria escrever um livro que não fosse simplesmente uma diversão.

Não queria fazer um retrato “realista” da desgraça, com sua dose de ressentimentos e bons sentimentos que nos prendem à condescendência. Tampouco quis um otimismo obrigatório, mentira irrisória.

Estes vinte anos de proximidade com o mundo dos excluídos aguçaram meu olhar sobre a sociedade e seus males e me incitam a partilhar algumas formas de remediação que se tornaram evidentes para mim.

Graças ao diabo guardião — também conhecido como Abdel — reencontro o bom humor que me pertencia antes do drama. O filme *Intocáveis* decorre num ritmo de leveza e gargalhadas; certa gravidade, porém, me resta, irreduzível. François Cluzet a tornará perceptível com sua atuação.

Éric e Olivier, os diretores, Nicolas Duval Adassovsky, o produtor, e Frédéric Boyer, meu editor, outorgaram generosos direitos de autor à associação Simon de Cyrène,\* que presidi por muito tempo e cujo objetivo é criar locais de convivência para adultos deficientes físicos e seus amigos. Sejamos gratos a eles.

Agradeço igualmente a Émeline Gabaut, Manel Halib e a nossa filha Sabah, que me permitiram “retomar” a pena e sem os quais este livro não teria visto a luz do dia. Obrigado também a Soune Wade, Michel Orcel, Michel-Henri Bocara, Yves e Chantal Ballu, Max e Marie-Odile Lechevalier e Thierry Verley, por suas pertinentes releituras.

---

\* Faça sua doação à associação Simon de Cyrène ([www.simondecyrene.org](http://www.simondecyrene.org)).

LIVRO I

---

*O segundo suspiro*





## LEMBRANÇAS RESGATADAS

Será necessário deixar o hoje, dia triste, retornar com nostalgia ao passado, lamentar-se de um futuro sem esperança? Não posso nem apreciar o passado nem me projetar no futuro. Tudo está neste instante.

A linha divisória dos meus ossos, do meu fôlego, poderia ser o dia do acidente. Em 23 de junho de 1993, desabei para a paralisia.

Em 3 de maio de 1996, dia de São Felipe, Béatrice morreu.

Não tenho mais passado, não tenho futuro, sou uma dor presente. Béatrice não tem mais passado nem futuro, é uma tristeza presente. No entanto, há um futuro, o de nossos dois filhos, Laetitia e Robert-Jean.

Até o acidente, eu era um homem no mundo, preocupado em criar, em imprimir minha marca no curso dos acontecimentos.

Depois do acidente, os pensamentos me tomam de assalto. Depois da morte de Béatrice, as dores.

Desses escombros, voltaram à minha memória lembranças de uma negra opacidade. Nas minhas noites em claro, os ardores da deficiência e do luto borraram essas imagens.

Foi no fundo de mim mesmo que encontrei o reflexo dos ausentes. Meus silêncios fizeram ressurgir momentos de felicidade esquecidos. Minha vida se desenrola por si mesma numa sucessão de imagens.

Nos primeiros meses, uma traqueotomia me deixou mudo. Um amigo instalou para mim um monitor de computador e o ligou a um controle colocado sob minha cabeça. O alfabeto desfilava na tela; eu parava o cursor, uma letra aparecia. Pouco a pouco, aquelas letras formavam uma palavra, uma frase, meia página. A escolha das palavras e esse esforço extenuante foram deliciosos; eu não tinha direito ao erro. O peso de cada letra ancorava mais profundamente a frase; eu saboreava a exatidão.

Houve aquele companheiro de combate cujo piscar de olhos foi sua caneta, e que morreu no ponto final.\*

As palavras me estrangulam quando penso naqueles que morreram sem falar, sem dar seu testemunho, sem esperança, imersos em solidão.

Deitado em minha cama, à noite, durmo mal. Estou paralisado. Mais tarde, colocam um gravador sobre minha barriga. Ele desliga quando não capta mais a voz — ou quando assim deseja — e só volta a funcionar após a primeira palavra. Nunca sei se ele gravou. E, com frequência, eu mesmo entro em pane.

---

\* J.-D. Bauby. *O escafandro e a borboleta*.

É difícil dizer sem página branca, sem lápis para riscar, sem estar sentado a uma mesa, diante de uma folha, a cabeça apoiada na mão esquerda, sem poder me libertar sobre essa folha rabiscada e amassada. Apenas uma voz, quase imperceptível, é preservada em uma fita magnética, sem retorno, sem rasura. Instantâneos de uma memória hesitante.

Perdi o fio, está escuro e sinto dor. Minha cabeça afunda entre os ombros. A parte de cima do ombro direito me lancina como um golpe de punhal. Sou obrigado a parar. O gato, Fát Sustenido, se diverte movendo-se sobre meu corpo que vibra, curvando-se como se suplicasse aos céus. Trêmulo, com espasmos, eu desmorono. O gato brinca com esse corpo e nele passa toda a noite: ele precisa se sentir vivo através dos meus sobressaltos.

Do alto dos ombros até a extremidade de meus membros, arde um fogo contínuo que, com muita frequência, se amplifica. Posso dizer se fará bom tempo amanhã ou se, ao contrário, como pressagia a ardência em meu corpo, teremos chuva. Sinto intensamente uma pinçada nas mãos, nas nádegas, ao longo das coxas, em volta dos joelhos, na parte inferior das panturrilhas.

Esquartejam-me na esperança de me aliviar. Mas a dor subsiste. Chamam-na de “dor fantasma”. Fantasma é o... cacete! Eu choro, não de tristeza, mas de dor.guardo até que as lágrimas me acalmem.guardo o embrutecimento.

De noite, à luz de velas, nós nos amávamos aos sussurros. Mais tarde, ela adormecia no vão do meu pescoço. Eu ainda falo com ela, sem eco.

Às vezes, doente de solidão, recorro a Flavia, uma estudante de cinema. Ela tem um sorriso largo, uma boca suntuosa, a so-brancelha esquerda inquisitiva.

À contraluz, usando um longo e leve vestido azul, ela ignora que está descoberta, que as curvas de seus 27 anos ainda podem emocionar um fantasma. Eu lhe dito tudo, não tenho pudor, ela é transparente.

O gato retoma seu lugar sobre minha barriga. Quando ele se vira, meu corpo se enrijece, como que revoltado pela presença desse animal, pela ausência de Béatrice e por este sofrimento incessante.

É preciso, contudo, que eu fale dos bons momentos, é preciso, contudo, esquecer que sofro.

Gostaria de começar pelos últimos instantes, final previsível e às vezes desejado, que me levariam ao reencontro com Béatrice. Deixo aqueles que amo para me unir àquela que tanto amei. Mesmo que seu paraíso não exista, sei que ela está lá porque acreditava nele e porque assim eu quero. Eis-nos aqui, liberados de nossos sofrimentos, os mais doces impulsos apaziguados, os olhos fechados pela eternidade; os cabelos louros de Béatrice deslizam num farfalhar de asas sedosas.

Béatrice que está no céu, venha me salvar.

## MEUS SENTIDOS

Eu fui alguém. Agora, estou paralisado; uma parte de meus sentidos me abandonou. Entretanto, as mordidas atrozes da paralisia se misturam às deliciosas lembranças de minhas faculdades evaporadas.

Rememorar, centímetro por centímetro, lembrança por lembrança, as percepções de um corpo atomizado já é sobreviver.

A partir de minha atual imobilidade, reconstituir uma cronologia dentro de um caos de sensações defuntas é me reapoderar do passado, reconectar duas vidas até então dissociadas.

\*

O corpo se inflama num confuso rubor. Mesmo sua lembrança me entorpece. Não há mais espírito; apenas sensações longínquas me invadem. No sol ofuscante de Casablanca, estou com sete, talvez oito anos. Meus irmãos e eu frequentamos a escola religiosa Charles-de-Foucauld. Durante o recreio, algumas

crianças jogam bola no centro do pátio, levantando uma poeira que gruda em suas pernas e braços e tinge da mesma cor os shorts e as camisas azul-marinho. Outras crianças se dividem ao longo dos muros em grupos de mercadores ou lançadores. Eu sou mercador; Alain, meu irmão gêmeo, que tem boa mira, é lançador. Trata-se, para o lançador, de acertar com um caroço de damasco outro caroço situado entre as pernas do mercador. Escolho um lugar para me posicionar perto do muro da escola, de frente para o sol matinal. Gosto de sentir o sol morder minha pele.guardo o arremesso, os olhos entreabertos fixando o caroço. Conto até três. Arrepio de prazer. Entorpecido pela poeira morna do pátio, fecho os olhos. Quando volto a mim, minha turma já voltou para a sala; outros alunos brincam. Eu me levanto, em pânico, guardo minha reserva de caroços em um lenço. Corro cada vez mais rápido, o corpo em chamas. Pela primeira vez, sinto um calor estranho entre as pernas. Será a fricção ou o medo da professora malvada? O fato é que alguma coisa está acontecendo lá embaixo. Bato à porta, perturbado, a professora rosna e eu fico parado na soleira da porta entreaberta.

\*

Ainda enrubesço, sozinho na minha cama, ante a evocação dessas primeiras emoções.

\*

Um pouco depois, estamos na Holanda. Meu pai trabalha em uma companhia de petróleo anglo-holandesa. Meus irmãos, nossa irmãzinha Valérie, a governanta Christina e eu moramos no primeiro andar. Christina é belíssima com seus

cabelos ruivos, os olhos verdes e as sardas que descubro ao longo de seu corpo exposto. É a época das minissaias. Ela passa roupa no patamar da escada. Fico um bom tempo a observá-la; sinto outra vez aquele incômodo abaixo da cintura, fico todo corado e não ousa olhar para meu horrível short inglês de flanela cinzenta. Os olhos de Christina teriam se franzido? Estou perdido. A traidora faz um movimento extraordinário: ela contorna a tábua de passar roupa para chegar até mim, vira-se de costas e inclina-se para frente; será mesmo para apanhar algo no chão? Se eu soubesse, se eu pudesse, eu a teria agarrado ali mesmo, naquela posição. Mas fico com os braços moles, com o fôlego curto e outra coisa não tão curta assim! A visão daquele traseiro em exposição dura uma eternidade.

Vi fotos dela muito tempo depois. Eu a achei menos bonita com os dentes espaçados, a pele flácida, os joelhos ossudos. Tudo é uma questão de perspectiva!

\*

Durante a noite, respirei profundamente para me livrar das dores que me isolam. Imagens, belas em sua simplicidade, me voltaram ao espírito. O sofrimento persiste.

\*

Estou com quinze anos. Quero impressionar meus colegas. Entro numa farmácia cheia de gente. Quando chega a minha vez: “Eu queria uma caixa de preservativos”, digo, sussurrando a última palavra. A atendente pede que eu repita. Acuado e já corado, obedeco. “Pequeno, médio ou grande?”, acrescenta ela, com uma expressão zombeteira. Eu fujo correndo.

Evidentemente, ela se referia ao tamanho da caixa.

Um riso sobe por minha garganta: uma contração lhe responde; o gravador desliza de meu tórax. Um silêncio desanimado se instala. É preciso recompor-se, reconstruir-se.

Chamo Abdel, meu assistente. Ele reinstala o gravador. Minha voz surda, nova e estranha, continua a gravação. Até mesmo minha identidade se esfarela nessa voz vacilante. Não tenho mais músculos peitorais. Não há nem entonação nem pontuação. Somente as palavras para as quais eu consigo acumular fôlego suficiente se imprimem na fita magnética.

\*

Estou com dezessete anos. Estamos numa estação de esportes de inverno. Alain, meu irmão gêmeo, já tem sua “gata”. Há meninos e há as meninas; e nunca fiquei tão envergonhado na presença delas. Após o jantar, nos reunimos diante de uma lareira, com vinho, canções e um violão. Uma garota senta-se ao meu lado. Ela se apoia em mim e coloca a cabeça em meu ombro. É uma amiga da namorada de Alain; ela é mais velha, nascida no Vietnã, numa família de colonos franceses. Seus olhos são puxados, e sua pele é morena. Ela ri e se aproxima ainda mais. Sinto agora seu aroma apimentado. Tento desaparecer nas chamas da lareira; mas nada resolve. O calor do desejo me invade, eu desejo essa garota. Quando todos se retiram e ela me atrai para o único quarto isolado, equipado com uma pequena cama contra a parede, eu a sigo sem olhar para trás. Há alguns anos que sonho com este momento. Ela se despe sem graciosidade, deita-se sobre mim. Devo estar sendo desajeitado, pois ela sorri. Depois, ela solta uma gargalhada: “Mas você não tirou a cueca!” Ela me ajuda. Passamos alguns meses juntos.

\*



Apesar de minha paralisia, meus sentidos ausentes ainda aprontam comigo.

Saio pela primeira vez do centro de reabilitação de Kerpape, no litoral da Bretanha. Béatrice empurra minha nova cadeira de rodas até um pequeno café diante da praia. Ela está sentada à minha frente. Atrás dela, as velas de windsurf saltam sobre as ondas. O céu está cinza. O suor gela minha nuca, mas não quero abandonar o calor do rosto de Béatrice perto do meu. Como ela consegue preservar seu olhar de jovem apaixonada diante da sombra daquele que ela amou?

Eu tusso, depois cuspo. Preocupada, ela me leva de volta ao centro de reabilitação. A enfermeira diagnostica uma infecção pulmonar. Volto pela segunda vez à UTI no hospital Lorient, a garganta aberta por uma traqueotomia. Uma bateria de garrafas destilando seu veneno. As veias do meu braço esquerdo cedem sob a pressão. Eles o recobrem até o cotovelo com um algodão embebido de álcool; fico inebriado. Estou numa sala sem janela. Deve ter anoitecido. Não há enfermeiras. As luzes vermelhas, verdes e brancas das máquinas piscam. Eu desapareço. É quando, então, surge essa agradável sensação. Faz quase um ano que não sinto o delicioso desejo de um abraço sem fim com Béatrice. As imagens de nossos corpos embaralhados tomam conta de mim. Bruscamente, a luz branca me cega: Béatrice se inclina sobre mim. Em alguns minutos, ela compreende a emoção que me invade e que lhe sugere o piscar de meus olhos; peço-lhe que informe isso ao médico. Ela ri e sai apressada pelo corredor. O médico aparece, irritado. Ele ausculta o motivo da gargalhada. Negativo. Emoções fantasmas. Durma, meu anjo.



## O CU DO ANJO

Ao acordar, é hora do TR.\* Em seguida, o banho.

Está tudo escuro. Eu quase não existo mais. Não há corpo, nem som, nem sentido, exceto talvez a sensação de um ar morno que resvala para dentro das minhas narinas. De repente, tudo gira. Lá vamos nós de novo. Minha cabeça cai para frente. Escuto a água do chuveiro, eu a sinto no meu rosto. Abro os olhos. Pouco a pouco, uma imagem aparece: Marcelle, a imensa martinicana de voz suave, escora minhas pernas sobre seus ombros. Ela sorri: “Então, Sr. Pozzo, está de volta? Desta vez não precisei dar nenhum tapa!” Meu braço direito perdeu seus apoios, estou arriado sobre a lateral da cadeira de banho, que tem uma perfuração no meio.

---

\* Toque retal: de manhã, a primeira etapa, após esvaziarem meu saco de urina, é me colocarem de lado, passarem uma toalha úmida, untarem de creme o dedo indicador e enfiarem-no lá onde vocês sabem. Nasci com o cu virado para a lua, mas, nesse ponto, elas realmente abusam. Fecho os olhos enquanto fuçam dentro de mim.

Obrigado a todas as Marcelles, Berthes, Paulines, Catherines, Isabelles, Sabryas, Sandrines... por todo dedilhado e gentileza. Sou aquele que se mantém vivo graças à ponta de seus dedos.

Estou quase nu. Só resta esse saco de urina, pendurado na ponta de um longo cano acoplado ao meu pênis por uma espécie de preservativo. Chamam isso de *penilex*. É penoso e nada sexy.

Não posso permanecer sentado. Para sobreviver, preciso que me apertem o imenso cinto abdominal e enfiem as espessas meias de compressão que me cobrem dos dedos dos pés até as nádegas, de modo que um pouco de sangue permaneça em meu cérebro. Durante meus desmaios, eu me torno um anjo da escuridão; o anjo não sente nada. Quando volto à luz, com as pernas para o alto, com ou sem tapa, o sofrimento me invade e o fulgor do inferno me faz chorar.

Em inglês, soletram meu nome PI-Ô-ZI-ZI-Ô. O Pozzo não tem mais *zizi*.<sup>\*</sup> Eu me torno Pisa, sempre inclinado para um lado ou para o outro.

Marcelle, a auxiliar de enfermagem, chama Abdel, meu assistente, para me colocar sobre a cama. Ele solta minhas pernas amarradas, inclina-se até que sua cabeça toque meus pulmões, escora meus joelhos contra os seus, aperta-me a parte inferior das costas com seus braços vigorosos. Opa! Ele se inclina para trás e eu me vejo de pé no reflexo das janelas fechadas. Eu fui bonito; não me sobrou muito. O sangue alcança os dedos dos pés; volto a me tornar um anjo. Abdel me deita sobre o colchão antiescaras. Marcelle dá início ao que ela chama, sorrindo, de “cuidados íntimos”. Ela remove o *penilex* para cuidar do bicho. Béatrice o chamava de “Toto”, afetuosamente. Ouço a risada de Marcelle. Toto se pôs em ereção. Ela não consegue mais colocar o *penilex*.

No centro de reabilitação de Kerpape, os tetraplégicos são os aristocratas; ficamos na primeira fila, tão mais perto de Deus. Olhamos para os outros com condescendência. Nós somos os donos do terreno. Mas, entre nós, somos os *têtards* (girinos), porque o *têtard*, como os tetras, não tem braços nem pernas, só uma cauda que se agita.

---

<sup>\*</sup> *Zizi*: forma familiar em francês de chamar o pênis. (N.T.)